

editorializando solenemente que tal questão “se inicia por toda a parte e já tem uma ação inegável entre nós; já se tem manifestado pelas greves repetidamente, principalmente as da estrada de ferro, causando gravíssimos danos e prejuízos ao comércio e às populações do interior”.

Quintino Bocaiuva, em *O País*, sustentava a política de Floriano, como, em S. Paulo, o *Estado*, em que pontificava Júlio de Mesquita. A luta parece arrefecer com a anistia, concedida a 5 de agosto de 1892: os presos são libertados, Bilac vai secretariar a *Cidade do Rio*, a 23 morre Deodoro, recusando as honras militares. Aparece *O Álbum*, com a colaboração de Paula Ney, Bilac, Pedro Rabelo, Guimarães Passos, Alberto de Oliveira, Aluizio, o padre Correia de Almeida e outros. Em janeiro de 1893, Araripe Júnior substitui José Veríssimo na crítica literária do *Jornal do Brasil*. Circula este todos os dias do ano, salvo a 14 de maio, porque considera o 13 de Maio “a data magna do país”. Em maio, aliás, passa à propriedade de sociedade em comandita e a direção é assumida por Rui Barbosa, auxiliado por Constâncio Alves; Tobias Monteiro é o secretário; Joaquim Lúcio de Albuquerque, o gerente. No dia 20, aparece já sob a firma J. Lúcio & Cia. Ulisses Viana deixa a direção. No cabeçalho, aparece agora: “Redator-chefe: Rui Barbosa”. Ante a aguda turbulência, toma posição: é legalista. Mas adverte: “Perturbar a ordem, porém (fiquem definidos os termos), não é censurar os que a aluem; é, pelo contrário, militar com os que a defendem, pugnando com a lei contra os que a degradam”. Rui não se limitaria à providência de definir a posição do jornal; sua primeira medida fora mudar o Z de *Brasil* em S, no título. O preço do exemplar era agora de 100 réis e a folha começava a receber o serviço da agência Havas. A fase é combativa: a direção de Rui é de antiflorianismo sem medidas. Não se limita a isso: imprime o *Correio da Tarde*, fundado por Jaques Ourique e J. J. Seabra, para combater o governo de Floriano, com Pardal Mallet e Assis Pacheco na redação.

A publicação no *Jornal do Brasil*, a 31 de agosto de 1893, do *habeas-corpus* impetrado por Rui em favor do almirante Wandenkolk é a última gota que faz transbordar a paciência dos florianistas a 3 de setembro, o jornal é atacado, mas não destruído. A 6, aparece o último artigo de Rui e irrompe a revolta da Armada; Rui refugia-se na Inglaterra; a edição de 1º de outubro é apreendida. A calma fora tempestuosamente rompida, se é que existira, com as apaixonadas lutas políticas em desenvolvimento. Permitira, entretanto, a Valentim Magalhães pôr novamente em circulação *A Semana*, partilhando a direção com Max Fleiuss e reunindo na redação Machado de Assis, Lúcio de Mendonça, Raul Pompéia, João Ribeiro, Rodrigo Otávio e Fontoura Xavier. Mas deixava de circular *A Estação*, em